

O ESTAR-COM O OUTRO NO CIBERESPAÇO

CDD: 003.3

Maria Aparecida Viggiani Bicudo

RESUMO

Esse tema é tratado em uma abordagem fenomenológica, notadamente a husserliana, destacando-se a concepção de corpo-próprio. A idéia central trabalhada concerne à intencionalidade e aos respectivos atos da consciência como sendo o “quê” nos mantém unidos ao outro no ciberespaço. O virtual será focado no contexto da filosofia, em que ele se mostra como dimensões do real. São trabalhadas as concepções de não-atual, referindo-se ao potencial, virtual, provável, e de atual, entendido como o realizado por atos, fazendo com que o não-atual se torne atual.

PALAVRAS-CHAVE

Realidade; Virtual; Intencionalidade; Presença; Mundo-vida

BEING-WITH-OTHER ON THE CYBERSPACE

ABSTRACT

We focus on the mentioned subject on a phenomenological perspective, chiefly the husserlian one, putting on evidence the proper-body conception. The main arguments of the work are the ideas of intentionality and the conscious acts as being the “what” keep us linked to the other on the cyberspace. We focus on the “virtual” on the philosophical context where it presents itself as one of the dimensions of the “real”. We work on the “non-actual” conception, comprehending the potential, virtual probable aspects of reality and “actual” conception comprehending the becoming actual acts.

KEYWORDS

Real; Virtual; Intentionality; Being present; Life-world

INTRODUÇÃO

Abordarei o tema em destaque olhando-o da perspectiva fenomenológica, notadamente a husserliana, dando destaque à concepção de corpo-próprio já tratado por esse autor e com maiores explicitações em Merleau-Ponty. Trarei Heidegger ao falar da *presença* se presentificando-se ou simplesmente sendo no ciberespaço.

Já de início devo dizer que não me referirei ao estar no ciberespaço como um modo de ser presença virtual, mas tão somente como uma das possibilidades de a presença se tornar ao ser lançada ao mundo. Isso porque compreendo o mundo como mundo-vida¹ constituído pelas dimensões mundanas de compreensão, expressão e comunicação.

Virtual, compreendido na dimensão da Filosofia, como um dos constitutivos da realidade, e, neste texto, trarei concepções de Aristóteles e de Granger para falar dessa idéia. Mundo, tratado na concepção husserliana como mundo-vida, que já diz da historicidade, portanto da temporalidade, e do horizonte, que traz consigo a abertura à compreensão.

A idéia central que buscarei trabalhar concerne à intencionalidade e aos respectivos atos da consciência como sendo o “quê” nos mantém unidos ao outro no ciberespaço. Ao desenvolver essa idéia, trarei a concepção de Valente (s/d) sobre “estar junto virtual”, bem como farei referência a Silva (2006) sobre sua concepção de intencionalidade subjetiva e de presença, quando trata a presença no espaço virtual sob a perspectiva de Bergson e de Heidegger, conforme sua leitura. Destaco esses autores, porque trabalham com concepções que serão tratadas neste texto. Concepções essas que se aproximam e se distanciam daquelas explicitadas e que sustentam minhas argumentações.

¹ Mundo-vida, entendido como a espacialidade (modo de sermos no espaço) e temporalidade (modos de sermos no tempo) em que vivemos com os outros seres humanos e demais seres vivos e natureza, bem como com todas as explicações científicas, religiosas, e de outra natureza. Mundo não é um recipiente, uma coisa, mas um espaço que se estende à medida que as ações são efetuadas e cujo horizonte de compreensão se expande à medida que o sentido vai se fazendo para cada um nós e para a comunidade.

COMPREENDENDO A REALIDADE DO CIBERESPAÇO²

Uma afirmação sobre a qual tenho me detido, fazendo com que eu a coloque em destaque, é sobre a “realidade virtual”, comumente emitida por autores que se dedicam ao estudo do ciberespaço e ao trabalho com educação a distância. Essa afirmação faz-me pensar que poderia ser compreendido que o virtual é distinto da realidade, pois comparece nessa expressão como um adjetivo, modificando o substantivo.

Como eu me dedico aos estudos filosóficos, compreendo, já com a leitura de Aristóteles, autor que explica o real como um movimento constante de potência e ato, que o virtual se mostra como uma das possibilidades do modo de ser do real. Esse autor, ao dizer do real, concebe potência como um dos seus aspectos constitutivos e a explicita como característica do que é potente; do que tem força para ser, trazendo em si as potencialidades para tornar-se. A potência, para tornar-se, conta com o ato, que é o movimento que atualiza a potência, abrangendo movimento para fazer avançar o acontecer. Que realidade é essa presente em potência? Podemos pensar no virtual, na medida em que virtualmente o que poderá vir a ser já é real em potência; como possível, no sentido de que há uma possibilidade de aquilo que é em potência, vir a ser. Assim, o atual é o que se apresenta como realidade, ainda que em dimensões de atualizações individualizadas em relação à potência, ou ao virtualmente existente em potência.

Vindo à época contemporânea, focando um filósofo da ciência, Granger (1995), e avançando na compreensão da questão real e virtual, encontrei que esse autor não faz uma distinção nos termos de real *versus* virtual, mas a apresenta como uma oposição atual *versus* não-atual. Vemos que essa oposição (atual e não-atual) permite compreender que não é possível separar ou olhar o virtual no ciberespaço sem articular idéias que se enrolam em concepções ontológicas subjacentes à teoria e produção científica e aos desdobramentos tecnológicos, entre os quais o virtual do ciberespaço é uma de suas modalidades. Além disso, os aspectos concernentes à individuação e às experiências individuais, que o pensamento científico

² O Ciberespaço é o “[...] *espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores*. Essa definição inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos [...], na medida em que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou destinadas à digitalização”(LÉVY, 2005, p.92 – grifo do autor).

desconsidera mediante abstrações sucessivas, são importantes para serem retomados na dimensão da imaginação, uma das características das expressões no espaço virtual.

Atual como correlato do não-atual é, preliminarmente, entendido como aspecto do real que é apreendido como se impondo à nossa experiência do mundo sensível, enquanto somos existência singular.

Trago, de maneira resumida os sentidos expressos por Granger ao não-atual, referindo-me a Bicudo e Rosa (2006) que apresentam um estudo detalhado sobre esse assunto. Voltando a Granger, fala-nos ele que o não-atual abrange três modalidades ou formas, como já anteriormente mencionado: virtual, possível e provável.

Virtual designa o não-atual, considerado essencial e progressivamente em si mesmo, do ponto de vista do seu estado negativo, sem visar à relação com o atual. O virtual é radicalmente distinguido do imaginário, em termos de sua função. Há uma articulação possível entre imaginário e virtual cognitivo, que traz como exemplo a literatura. Mas, em suas funções cognitivas, o virtual permanece em perspectiva da auréola afetiva, sobre a qual repousa os valores estéticos, como produto do espírito, desse mesmo que cria a ciência, a qual reavalia os atos da imaginação.

Possível, também caracterizado como não-atual, mas, como já aparece em Aristóteles, Granger nos diz que a relação do possível com o não-atual, ora é colocada como nuance da potencialidade, ora é disfarçada sob a forma do abstrato, cuja distinção é experienciada com a linguagem quando esta expressa enunciados assertóricos, em oposição aos modais de possibilidade. O possível pode ser distinguido como positivo categórico e como simbólico em que se tem, $\sqrt{-1}$ como exemplo.

O provável é um não-atual passível de ser compreendido de modo mais abrangente em sua relação com a atualidade. É como se fosse uma pré-atualidade, podendo ser designado como um grau da esfera do atual. Admite efeitos em graus de atualidade. O desenvolvimento de uma concepção extensiva desses graus permite uma interpretação objetiva em que será necessário precisar a legitimidade do alcance dessa interpretação. Isso pode ser efetuado por meio de cálculos probabilísticos, porém esses cálculos exigem uma determinação sistêmica já presente no quadro teórico, enquanto probabilidade.

Virtual e provável aparecem como categorias fundamentais do pensamento científico sobre o mundo. Como sabemos, a Matemática é o solo em que a ciência moderna ocidental assenta suas raízes. Nesse sentido, essa ciência tem como base o virtual, uma vez que os conteúdos formais da Lógica e da Matemática que tratam do virtual, são não-atuais, são abstratos e não realizáveis como tais no campo da experiência sensível.

Nesse enfoque o ciberespaço pode ser compreendido como um dos modos de atualização da potência que, pelos atos, vem a ser atual. O solo estrutural que sustenta a atualização da realidade do ciberespaço é constituído pelo conhecimento científico e pela tecnologia que o coloca em prática, ao mesmo tempo em que o desafia e sustenta por meio de modos de como fazer, ou seja, de procedimentos e de instrumentos construídos.

O espaço cibernético se mostra, então, ambigualmente como atual e não-atual. Atual porque aspectos do potencial já se atualizaram em modalidades de virtual, possível e provável, constituindo-se uma realidade científico-tecnológica que, por seu turno, revela-se como não-atual à espera de atos para vir-a-ser.

Esse, o movimento. Movimento de um jogo complexo que, ao ser jogado, vai tornando o potencial, atual. Jogo que solicita atores, bem como regras (determinações) e, também, conta com o possível, com o provável, com a superação das determinações, podendo desarranjar o possível e o provável sustentados pelas determinações definidas.

Postas essas idéias, passo a focar o espaço/tempo do ciberespaço e os atores que jogam o jogo possível, atualizando potencialidade.

O ESPAÇO/TEMPO DO CIBERESPAÇO

Mostra-se como espaço/tempo em que se está aqui e ali, agora e depois. Momento em que se está presente no instante do aqui e agora quando se está em ação, atualizando idéias por meio da linguagem que expressa o compreendido, e, também, quando se está presente para o outro em momento e lugar distintos.

Essas são realidades espaço/temporais concebidas e vividas de maneira diferente daquela expressa na teoria da Física Moderna, que diz de tempo e de espaço como entidades separadas e que se referem mediante coordenadas cartesianas, em que *e* e *t* são dispostos em coordenadas horizontais e verticais, de maneira que se encontrem em pontos onde essas coordenadas se cruzam. Isso quer dizer que sempre há que se dizer quando e onde. Na dimensão do ciberespaço, *e/t* são vividos na presença do aqui e do agora por aqueles que se dispõem à comunicação. Nesse sentido, não concordo com Silva (2006, p.206) quando diz que no “ciberespaço a distância passa a ser o tempo, o tempo (passa a ser), o tempo e a frequência das interações”. Minha concepção sobre *e/t* está pautada na concepção da física contemporânea, ainda que eu tenha ciência de que não se possa falar sobre essa concepção na dimensão do mundo onde somos/estamos com os outros. Porém, esse modo de compreender tempo e espaço como aspectos de uma mesma realidade faz sentido ao focar a dimensão cibernética do mundo-vida, à medida que as ações que duram em seu próprio acontecer, produzem e seus produtos se materializam em dimensões diferenciadas quanto à estrutura, ao material, etc., de modo que a temporalidade vai se expandindo e produzindo espacialidade. Mas concordo com Silva (2006, p.201-202) quando questiona Lèvy, ao explicitar que esse autor responde afirmativamente à pergunta: “seria o virtual, realmente, um desprendimento do aqui e agora?”, explicando que o desprendimento do aqui e do agora é uma das principais abordagens da virtualidade. Conforme compreendo, cabe trazer à análise desse tema a pergunta: “aqui e agora para quem?” Adentrando na realidade constituída pela rede de informações comunicadas com o dinamismo e a flexibilidade sustentados pela ciência, técnica, tecnologia e ferramentas disponíveis ao ser humano que tem suas ações potencializadas por esse aparato, há “aquis e agoras” vividos por aqueles que se dispõem à comunicação. São vivências em movimento de abertura ao outro, quando os envolvidos se afetam em seu modo de ser, atualizando possibilidades à medida que alimentam, alimentam-se e se retroalimentam, de maneira que “Arrastados nesse processo dialético os seres se desdobram: por uma parte são eles mesmos, por outra são vetores de outros” (LÉVY, 2005, p.93).

Assim, na dimensão do ciberespaço, *e/t* são em momentos e lugares diferentes em torno de mensagens às quais a pré-sença³ se abre, dispondo-se a compreendê-las, interpretá-las e comunicá-las. Não somente a disposição, o modo pelo qual a pré-sença sempre está em situação, como alegre, com medo e outras disposições, atualiza a comunicação e a vivência do espaço/tempo no espaço cibernético. Como já foi mencionado, há, potencializando a disposição,

³ No item seguinte essa concepção será explicitada.

o equipamento com sua ferramenta específica que torna possível a disseminação de mensagens, de maneira ramificada, cujo dinamismo é veloz e cujo formato não é previamente delineado. A temporalidade se acelera, abrindo espaços não contidos nos territórios dos participantes que efetuam a ação atualizante. São espaços da informação, da participação entre pessoas, da troca de afetos e compreensões, de exposição de si, de ocultamento da identidade, da concretização da imaginação, da produção do conhecimento, dos jogos comerciais. Nessa dimensão há, como afirmam Bicudo e Rosa (s/d),

relacionamentos entre pessoas, de diferentes modalidades, talvez abrangendo aquelas comuns ao humanamente vivido. São relações cujos objetivos se diversificam. Trata-se de relações: de afeto, comerciais, de troca de informações, de busca de pares para certos objetivos, de jogo, de ensino e de aprendizagem, de psicoterapia, englobando relações que conduzem a uma profunda percepção de si pela percepção do outro, visto como igual, encarnado, estando lá e “eu” aqui.

Como essas pessoas fazem-se presentes no espaço cibernético? Valente (s/d) se refere ao “estar junto virtual” quando trata de diferentes pedagogias trabalhadas na Educação a Distância. Diz esse autor:

As diferentes pedagogias a serem adotadas em EaD podem variar em um contínuo, sendo em um extremo a “*broadcast*” que usa os meios tecnológicos para passar informação aos aprendizes. Neste caso, não é necessária nenhuma interação professor-aluno. No outro extremo está o suporte ao processo de construção de conhecimento mediado pela tecnologia, que temos denominado de “*estar junto virtual*”.

“Estar junto virtual” remete à concepção e respectiva postura heideggeriana de ser-com, que quer dizer estar junto a...ao existir no mundo. Traz consigo a solidariedade, modos de a “cura”⁴ ser.

⁴ “Cura”, em Heidegger, abarca a unidade das determinações ontológicas e caracteriza a estrutura fundamental da presença. Seu significado se ilumina ao compreender-se o jogo de a pré-sença preceder-se no que é e no que poderá ser, por ser lançada no mundo, ocupando-se com afazeres; de, ao ser lançada no mundo, estar sempre “com” e junto aos outros; de dever ser, e de, ao responder a esse dever, preocupar-se com o que faz e com as relações que estabelece ou nas quais se enrola nas ocupações do cotidiano.

SER-NO ESPAÇO/TEMPO CIBERNÉTICO

“Ser-no”⁵ é um constitutivo da filosofia heideggeriana a respeito do modo de ser do ser do homem, que abrange a mundaneidade do mundo, sua historicidade e temporalidade. Está explicitado em sua obra *Ser e Tempo* (HEIDDEGER, 1988) e diz do ser que sempre já é “no”. Ou seja, é em um espaço e tempo, na espacialidade⁶ e temporalidade⁷ que se fazem na dimensão das escolhas (de-cisões), efetuadas na facticidade de ser pro-jeto⁸. A partir dessa afirmação, passa a trabalhar os modos de “ser-no” e, ao focar a interrogação sobre o ser, compreende com estudos da história da filosofia -primordialmente com textos dos pré-socráticos, e de filósofos como Parmênides, Platão e Aristóteles, e alguns da Idade Média - que a pergunta sobre o ser perdeu-se no vazio da generalidade. Assim, pôs-se a interrogar os modos pelos quais o ser se mostra na mundaneidade do mundo humano. Perseguindo essa interrogação, o Dasein⁹ mostrou-se como sendo aquele que se preocupa com o ser e para quem o ser faz sentido. Como aquele que se preocupa consigo próprio e com o outro sendo e expõe sua compreensão de si, do outro, do mundo pela linguagem.

Aqui se abrem dois temas importantes na obra desse autor, citada. Linguagem e preocupação.

Esse estado de preocupação, Heidegger sustenta na “cura”, entendida ontologicamente e que, nos modos mundanos de o homem existir no mundo, mostra-se como uma atitude de cautela, de colar-se à escuta das possibilidades antevistas na abertura, a qual se dá em sua facticidade de sempre estar lançada. Lançada, jogada, projetada ao que virá a ser, inclusive ela mesma e o mundo. Portanto, lançada no desconhecido, desconhecido esse que há de enfrentar, dando conta de manter-se sendo. Mais que isso, dando conta do existir do outro,

⁵ Esse constructo heideggeriano é trabalhado por Borba e Villareal (2005) no contexto da mídia, quando expõem a concepção “seres-humanos-com-mídia”.

⁶ Temporalidade diz do modo de ser temporal.

⁷ Espacialidade diz do modo de ser espacial.

⁸ *Pro-jeto* diz, na obra heideggeriana, de ser o ser humano, a presença, lançada em seu acontecer. Uma vez lançada, depara-se com seu destino, o de manter-se sendo para a morte, de modo preocupado.

⁹ Dasein, traduzido na maioria das vezes na língua latina como ser-aí e, também, como presença. Ser-aí que já sempre se espacializa/temporaliza em modos de ser no espaço/tempo. Aí, entendido como abertura ao mundo. Présença, que, ao ser lançada, o é no modo mundano de o mundo ser, onde o “todos” impera e a todos abarca, de maneira que se permanece como todos e como ninguém, ao mesmo tempo, pois não há preocupação. Fala-se balbuciando coisas ditas por todos, age-se como todos. Pela angústia, que se mostra no temor sentido ante o desconhecido e o incerto, a pré-sença, entendida como o ser(humano) que aí está no mundo, depara-se com o seu modo próprio de ser que traz consigo a preocupação, o cuidado. Percebe seu dever: o de manter-se sendo. A pré-sença deve ser. E esse mandamento é atendido pelo seu desempenho, pelo que faz, pelas suas ações.

medida em que com ele se preocupa ao visualizar modos possíveis de ele manter-se sendo na propriedade - caminhando para sua singularização, ainda que esteja com todos, na medianidade do mundo - ou na impropriedade – ou seja, em estado de queda.

A linguagem trabalhada na primeira parte de *Ser e Tempo* é apresentada como conversa que permanece em nível de “falação”, que diz, balbucia, mas nada é revelado. Nessa modalidade de linguagem o ser não se expõe. Mas, a linguagem que diz do que foi compreendido e que faz sentido para quem diz, apontando para o “o quê” foi compreendido, fala do ser, e Heidegger a ela se refere como sendo a morada do ser. É nesse foco que busca, na analítica da mundaneidade do mundo, compreender o ser. Busca por ele por meio daquele que fala do ser, por interrogá-lo preocupadamente.

Esses temas, que não esgotam os muitos tratados por Heidegger, inclusive no *Ser e Tempo*, são significativos para a questão, anteriormente mencionada, do “estar junto virtual”, concebido por Valente.

Ser-no-mundo-com, como explicitado, diz da abertura do ser para outros entes, pessoas ou não. *Dasein*, ser-aí, pré-sença carrega consigo as possibilidades de ser e de tornar-se que se dão mediante escolhas efetuadas na realização do modo de existir cotidiano. Portanto, não há pré-requisitos para a pré-sença ser. Ela já é sempre ao ser lançada no mundo.

Silva (2006) busca caracterizar a pré-sença no ciberespaço. Apresenta uma síntese dos modos mundanos de ela se presentificar nessa espacialidade em termos de componentes. Aqui cabe uma consideração. Silva, conforme minha leitura, avança e muito na explicitação das características do ciberespaço, trazendo a discussão da pré-sença para o âmbito dessa realidade. Porém, como nós todos que, ao estudarmos Heidegger, sempre cometemos impropriedades, ele não fugiu à regra ao se referir aos componentes que compõem modos de a presença ser no ciberespaço, mencionando-os como motivação, continuidade, interação, colaboração, pertencimento, intencionalidade e foco. Esses são, mais apropriadamente falando, modos de a pré-sença ser ou se apresentar ao mundo. A pré-sença não se compõe de elementos, mas ela é um feixe de possibilidades que se tornam ou atualizam ao ser lançada no mundo.

A postura de “estar junto com” solicita abertura ao modo de ser do outro. No ciberespaço, como encontrar o outro e como estar com ele? Ou seja, como o encontro e a comunicação entre pré-senças ocorrem e se mantêm no tempo/espço do ciberespaço? Vou me

ater a essas perguntas, mantendo-me no âmbito das concepções heideggerianas já postas e hurssebianas, apenas aventadas¹⁰, distanciando-me daquelas expostas por Silva (2006).

A INTENCIONALIDADE ESTENDENDO-SE E MANTENDO-SE NO CIBERESPAÇO

Heidegger explicita a concepção de Dasein, assumindo-o como sendo projeto que se atualiza na existência. Uma questão que tenho colocado é: “O que dá sustentação ao ser para já sempre ligar-se constitutivamente ao mundo?” Em *Ser e Tempo* e nas obras desse autor que vêm cronologicamente depois, o “se-em” é assumido como uma unidade e, ao longo dessa obra, é apresentada, magistralmente, a analítica de seu modo de ser mundano.

Aqui vou trazer minha interpretação da concepção de intencionalidade, ou de consciência, como tratada por Husserl, tentando mostrar que ela sustenta a abertura para o mundo, abrangendo a percepção do existente.

No espaço cibernético, que compreendo como um dos aspectos do mundo-vida¹¹, a intencionalidade se expande abrangendo as redes de informação, materializadas pelo aparato da informática, enlaçando o outro, singular ou plural, na expressão de sua compreensão comunicada no ciberespaço. O que quero dizer é que a intencionalidade enlaça o outro. Mas, o que ela enlaça, se o outro não está ali, como corpo-próprio¹² que se anuncia como meu igual e diferente carnal? Ou seja, que se revela como outro igual a mim, que está ali, em outra posição espacial, podendo também me perceber como eu (seu outro) estando aqui em outra posição, mas sabendo que somos iguais na nossa diferença? O que a intencionalidade enlaça, entrando em sintonia empática, no ciberespaço?

Juntamente com Rosa (BICUDO; ROSA, 2007), considero a questão sobre a realidade que ora se coloca para aqueles que estudam Husserl, tal como tratada na dimensão do mundo-vida. Husserl interroga a ciência do mundo moderno, do ponto de vista da realidade por ela tratada, e afirma que essa concepção de ciência trabalha com a compreensão e explicação da realidade em termos representacionais. Ele a entende como já sendo um discurso de segunda ordem de compreensão interpretada do visto e percebido. Toda sua obra vai em direção a

¹⁰ Silva (2006) trabalha aspectos dessas perguntas, mas se atém mais às concepções de Buber, Bergson e de Gurdjieff no que concerne à intencionalidade, à percepção de tempo e ao encontro.

¹¹ BICUDO e ROSA, Maurício (2007) desenvolvem um trabalho explicitando de que modo e em que concepções o ciberespaço pode ser visto como aspecto do mundo vida.

¹² Essa concepção será esclarecida ainda neste item.

compreender do que a ciência fala, uma vez que ela está assentada em concepções teóricas, com um discurso pertinente estruturado em gramática e linguagem específicas. E a apresenta como um quadro teórico que sustenta, de maneira dedutiva, as explicações sobre a realidade. Entretanto, pergunta-se pela origem¹³ da ciência e, mediante um trabalho árduo de colocar o mundo-vida em suspensão e proceder a sua redução sucessiva, compreende e expõe que a ciência européia – um dos modos pelos quais denomina a ciência moderna – tem como solo o mundo-vida. Ou seja, o mundo das experiências vividas na dimensão da subjetividade e intersubjetividade, que, pela linguagem e práticas bem-sucedidas, constituem a objetividade com e na qual vivemos e operamos.

E aqui volto à questão referente à realidade do ciberespaço e à percepção do outro e respectiva constituição da intersubjetividade. É uma realidade que se mostra ao mesmo tempo de primeira e de segunda ordem. Quero dizer com isso que a rede informacional está-aí no mundo-vida, passível de ser experienciada por aqueles que a ela se voltam intencionalmente, adentrando no horizonte que se abre com as práticas operacionais à disposição. Mas essa rede está sustentada em um solo constituído por representações sobre compreensões e interpretações de segunda ordem, expressas no discurso da ciência. Portanto, sua complexidade vai se enredando em aspectos do mundo-vida vividos em experiências diferenciadas e emaranhadas umas nas outras, em relação à realidade que se apresenta no aqui e agora e no lá, no passado e no futuro.

O que me deixa perplexa é: o que mantém a pessoa em sintonia com o outro no ciberespaço? Essa é uma pergunta recorrente e que já foi mencionada neste texto.

Assumo a concepção husserliana sobre consciência e sua explicitação de que nada há no mundo-vida para além da consciência, uma vez que o percebido já é enlaçado pela intencionalidade, característica da consciência¹⁴, que, pelo seu movimento de estender-se a, já traz o visto (percebido) e seu solo (logo o que está no horizonte do focado, como fundo), de maneira que o visto sempre já é olhado pelo foco da consciência. Portanto, a realidade mundana não existe como separada daquele que a percebe, e as concepções expostas sobre essa realidade sempre são desdobramentos da dialética ver/visto. As ações efetuadas, em termos cognitivos, práticos, científicos, são fundadas nessa relação. Isso não que dizer que sejam projeções dela, tomadas pragmaticamente, mas que são expressões dos desdobramentos dos atos da consciência

¹³ Origem entendida como origem primordial, que se dá no ato de evidência e traduzida da palavra alemã “Ursprung.”.

¹⁴ Consciência é compreendida como movimento intencional, efetuado pelo corpo-encarnado, ao ir em direção ao focado como figura destacada do fundo, totalidade em que sempre estamos com os outros.

que envolvem os aspectos cognitivos, os espirituais, os psicológicos da subjetividade¹⁵, cujo processo organizativo e de comunicação é desenvolvido com a linguagem e com comunicação empática. Portanto, sua estrutura não ignora aquela da lingüística, e os processos comunicativos solicitam essa estrutura e a empática, entendida como percepção do outro como igual (ALES BELO, 2006). A empatia, na dimensão do ciberespaço, penso que se apresenta como o ato de entrar em sintonia com a expressão do outro, tal como esse outro aí se dá à pré-sença. Entretanto, eu a vejo como outra questão a ser investigada pelos fenomenólogos.

Dessa maneira, a consciência não é subjetiva, no sentido de ser fechada em si, mas é movimento de estender-se a, estando sempre voltada para, de modo atento. Essa concepção difere daquela de intencionalidade como apresentada por Silva (2006, p. 174, 175, 176) quando fala de intencionalidade subjetiva, de intencionalidade objetiva e de construção de consciência. Cito esse trabalho de Silva, dado que o tema de sua investigação, “indagar o sentido de presença e o sentido da presença na educação”, é convergente ao tema que aqui estou desenvolvendo. Esse autor assume concepções de espírito, intencionalidade e consciência diferentes das que aqui assumo. Posto isso, nossas compreensões e explicitações sobre “estar-junto ou ser-com no ciberespaço” vão se distanciar.

Vejo o “estar junto” no ciberespaço como uma extensão intencional da subjetividade do sujeito que, ao conectar-se à rede, tem o aparato da informática a sua disposição, potencializando essa intencionalidade e respectivos atos da consciência. Sendo intencionalidade, traz o outro, também presente nesse espaço de maneira intencional e que também tem seus atos de consciência potencializados. O outro aqui mencionado pode ser uma pessoa ou toda uma comunidade, em movimento de comunicação, sintonizadas ao que é dito (comunicado) mediante uma linguagem, portanto uma estrutura lingüística e respectivas formas de expressão. São intencionalidades se interligando e constituindo a dimensão da intersubjetividade, já trabalhada por Husserl, mas agora materializada pelo aparato da informática.

Penso que os trabalhos husserlianos sobre subjetividade/intersubjetividade solicitam estudos por aqueles que investigam a obra desse autor. Esse autor expõe, com propriedade, a subjetividade como sendo sempre carnal, mesmo nos aspectos espirituais, cognitivos e

¹⁵A subjetividade não é fechada em si e nem tem prontas potencialidades específicas à espera de atualização. Constitui-se no movimento de abertura ao mundo-vida, trazendo o percebido para a consciência e operando os atos que avançam na dimensão da compreensão e dos atos de expressão.

psicológicos¹⁶, e que percebe em perspectiva, a partir do ponto zero, o da visada do corpo-próprio. Percebe o aqui e agora, em sua corporeidade, e percebe o outro lá e agora, também em uma totalidade carnal. Estão em um solo histórico-cultural em que os contornos dos significados vão se dando à percepção, na compreensão/interpretação/comunicação que sustentam a intersubjetividade.

Corpo-próprio é o corpo visto como uma totalidade, ou seja, sem separação em instâncias de espírito e matéria, que se expõe como carnalidade intencional, movimentando-se no mundo espaço/temporalmente, de maneira a agir em relação ao que percebe como solicitando ação. O corpo-vivido ou corpo-próprio ou corpo encarnado é uma denominação utilizada por Maurice Merleau-Ponty (1994), cujo significado já fora atribuído a termos semelhantes por Edmund Husserl. Conforme Bicudo (1991; 1999), Husserl fala do movimento dos corpos vivos tanto no caso de meu corpo-vivo que se movimenta e que sente e, portanto, percebe, como no movimento dos corpos físicos, como ainda no dos **outros** humanos presentes no mundo-horizonte. O significado atribuído ao corpo-próprio é elucidado pela distinção que Husserl faz entre Leib e Körper. Leib é entendido como o corpo com movimento intencional. Körper significa o corpo, entidade física. Para Merleau-Ponty, o corpo-vivido é o corpo com movimento intencional, origem zero de um ponto de vista que dá uma determinada orientação ao sistema de experiência da pessoa. É o corpo que percebe, que se presentifica na ação e na manifestação do percebido pela fala. É o corpo que se expõe, que é presença e que se estende ao outro, ao mesmo tempo em que acolhe a presença do outro em si, na perspectiva do seu olhar e na do seu modo de sentir. Esse corpo-vivido é o corpo, *cogito* que se descobre em situação, ou seja, que se descobre ao mesmo tempo em que está engajado, enquanto pensamento particular em certos objetos e pessoas. É o corpo que se percebe em ato e se lança à esfera da intersubjetividade, pois o corpo-próprio é também o seu exterior que, de si, que é o seu ponto-zero, percebe o corpo do outro, como ele mesmo, que também é o seu próprio ponto-zero. Ou seja, a perspectiva de onde ele sempre está posicionado.

Compreendo que esses temas sobre subjetividade/intersubjetividade/objetividade solicitam investigações de estudiosos da obra de Husserl, no sentido de olhá-los na perspectiva

¹⁶ Os atos psíquicos são de natureza psicológica e, na obra husserliana, são compreendidos no contexto das aulas de Franz Brentano, freqüentadas por Husserl e base de seu trabalho sobre a importância desses atos na constituição do conhecimento da Aritmética. Os atos espirituais diferenciam-se dos psíquicos, pois dizem de julgamentos de valor, ao diferenciarem valores éticos. Atos cognitivos dizem das ações cognitivas que avançam em direção à organização e expressão do percebido. .

do mundo-vida como se mostra hoje, com dimensões do real vivido, da ciência, da tecnologia e de seus desdobramentos.

Neste nosso tempo vivido nesta nossa civilização, sobre os estratos do conhecimento científico e tecnológico abre-se um horizonte histórico com características diferenciadas em termos de temporalidade e de espacialidade daquelas do mundo-vida, solo das preocupações de Husserl e do avanço de sua obra. O primado da percepção e da experiência do que se doa no mundo-horizonte, ainda faz sentido. Mas a doação da coisa, no ciberespaço, faz-se em outras modalidades que não aquelas descritas por Husserl no *Crisis*, em termos de posição concreta no tempo e no espaço, e passíveis de serem percebidas em sua presença original. (BICUDO; ROSA, 2007 b, p. 12).

Ora, entendendo a consciência como intencionalidade que se estende e abarca o intencionado, como intencionalidade encarnada que permanece atenta ao seu em torno, podendo efetuar o movimento de dar-se conta disso em relação ao que está atenta, então temos que o sujeito que se liga à internet e viaja pelo ciberespaço é intencionalidade encarnada, corpo-próprio. Está, sendo assim, situada em um aqui e agora que pode ser compreendido duplamente como o espaço cibernético e como o lugar onde está com seu computador. Abarca o outro que se expõe no ciberespaço, mediante as linguagens disponíveis e mediante ferramentas que sustentam programas de informática. O outro pode estar simultaneamente em comunicação, ou não. Pode ser caracterizado por identidade reconhecida no mundo-vida, em suas dimensões sócio-culturais de experiências vividas em comunidade, em que as experiências são conhecidas como de primeira mão. Pode, ainda, ser reconhecido por identidade construída¹⁷ já na dimensão da tela informacional ou mesmo por intencionalidade que se presentifica mediante modos de expressão, mas ainda não caracterizada como identidade, porém, tão somente presente no ciberespaço. Essa presença tem suscitado questionamentos e estudos, pois é, em princípio, desterritorializada, prescindindo de materialidade carnal para se fazer presente. Porém no lá é carnal, do mesmo modo que aquele que aqui está agora, o é. Não exige, para manifestar-se, comunicação simultânea, mas sua presença, mesmo a manifesta em diferentes identidades, sustenta-se no comunicado em termos de conteúdo/forma.

A intencionalidade estende-se para o que busca. Traz o buscado mediante o que se apresenta na tela, nos diferentes sítios que se dispõe a visitar, atendo-se ao percebido como fazendo sentido em relação ao buscado.

¹⁷ Sobre identidades construídas no ciberespaço, ver os trabalhos de Rosa (2008) e de Silva (2006).

Entendo, portanto, a abertura ao outro como abertura ao que do outro é ex-posto ou outro que se ex-põe no dizer intencional materializado pelo aparato cibernético. Essa materialidade é constituída por movimento, por dinamismo de redes que se bifurcam, enlaçando-se em outros dizeres intencionais materializados, em velocidades crescentes, formatando e desformatando conteúdos/formas, construindo e desconstruindo identidades, possibilitando, ainda, experiências vividas intencionalmente na carnalidade do corpo-próprio.

APRESENTANDO UMA SÍNTESE – NÃO CONCLUSIVA – DO TEMA FOCADO

Estar-com o outro no ciberespaço manifesta-se como estar em sintonia com a presença daquele ou daqueles que se expõem mediante o aparato informacional, dizendo sobre suas compreensões e interpretações a respeito de suas experiências vividas no mundo-vida. Esse mundo é o campo de todas as experiências expressas, horizonte de compreensões. Envolve, portanto, as compreensões e interpretações da ciência e de seus modos de aplicação, bem como do aparato tecnológico construído sobre suas teorias e tecnologias. A realidade vivida pela presença, ao “estar-no-com”, é realidade que se mostra em seus diferentes modos de ser, como potencial, virtual, possível, que solicitam atos atualizadores para tornarem-se atuais. Os atos são intencionais, são atos da consciência que em seu movimento de “estender-se a” enlaça o percebido, ou seja, aquilo de que se dá conta de apresentar-se em sua atualidade. Consciência que é carnal, que se mostra no movimento do corpo-próprio que age em direção ao que intenciona fazer.

Nesse contexto de compreensão, o espaço cibernético é tão somente uma modalidade de a realidade ser. Modalidade essa que se mostra com características próprias de modos de efetuar o movimento subjetividade/intersubjetividade/objetividade e, portanto, de constituir redes de significados em que nos locomovemos todos atualizando o não-atual.

REFERÊNCIAS

ALES BELLO, A. **Introdução à fenomenologia**. Bauru: EDUSC, 2006.

BICUDO, M. A.V. A percepção em Edmund Husserl e em Maurice Merleau-Ponty. **Revista Veritas**, Porto Alegre, v. 3, n. 3, p.79-90, 1991.

_____. **A realidade virtual**: temporalidade/espacialidade. Porto Alegre: Editora da ULBRA, [s.d.].

_____. Contribuição da Fenomenologia à Educação. In: _____.; CAPPELLETTI, I. (Org.). **Fenomenologia uma visão abrangente da educação**. São Paulo, SP: Olho D'água, 1999. p.11-51.

_____.; ROSA, M. “Phenomenological approach on the cybernetic world: reality and knowledge conceptions on Distance Education pedagogical horizons”. In: X IHSRC – INTERNATIONAL HUMAN SCIENCE RESEARCH CONFERENCE, 2007, Rovereto. **Proceedings of the IHSRC 2007**. Trento: Universidade de Trento, 2007.

_____. Mundo-vida: desafios postos pela virtualidade do ciberespaço. In: III CONGRESSO DE FENOMENOLOGIA PORTUGUESA, 2007, Lisboa. **Mundo da vida – Racionalidade – Ciência**. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2007 b.

BORBA, M. C; VILLARREAL, M. E. **Humans-with-media and the reorganization of mathematical thinking**: information and communication technologies, modeling, visualization, and experimentation. New York: Springer Science, 2005.

GRANGER, G. **Le probable, le possible et le virtuel**. Paris: Odile Jacob, 1995.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Petrópolis: Vozes, 1988.

LÉVY, P. **O que é virtual?** Tradução Paulo Neves. 7.ed. São Paulo, SP: Editora 34, 2005.

MERLEAU-PONTY, M.. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de C. A. R. de Moura. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1994.

ROSA, M. **O processo de construção de identidades ONLINE com o RPG virtual**. 2008. 262. fl. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, Universidade Estadual Paulista de Rio Claro, Rio Claro, 2008.

SILVA, C. A. F. **Indagando o sentido de presença e o sentido de presença na educação**. 2006. 212. fl. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

VALENTE, J. A. **Educação a distância**: ampliando o leque de possibilidades pedagógicas. Campinas: Unicamp, Centro de Multimídia e Comunicação e Nied e São Paulo; Ced, PUC-SP, [s.d].

MARIA APARECIDA VIGGIANI BICUDO

Professora Titular (aposentada) de Filosofia da Educação
UNESP – Universidade estadual Paulista.
Pesquisadora do CNPq.
Líder do Grupo de Pesquisa - FEM – Fenomenologia em Educação Matemática,
credenciado pelo IGCE – UNESP – junto ao CNPq.
E-mail: maribicudod@cnpq.br ; mariabicudo@uol.com.br

Recebido em: 17/01/2009
Publicado em: 30/06/2009